

ARTIGO 03

VESTIR A FÉ, DESPIR A TERRA: REFLEXÕES SOBRE MORDOMIA AMBIENTAL CRISTÃ NO CONTEXTO DA MODA EVANGÉLICA

Quézia Elisama Ribas⁴³

Ailto Martins⁴⁴

RESUMO

O artigo busca compreender os aspectos teológicos que influenciam a majoritária ausência do cuidado ambiental no exercício da fé pentecostal clássica, especialmente no contexto das questões ambientais associadas à indústria da moda. Para tanto, realizou-se um estudo teórico, com abordagem metodológica qualitativa e descritiva. Os procedimentos incluíram a revisão bibliográfica e a pesquisa *desk*, articuladas com auxílio da análise construtivista e hermenêutica. Os resultados indicam que aspectos da visão escatológica, de caráter escapista, especulativo e fatalista, com ênfase em uma antropologia dualista, e vestígios dos chamados usos e costumes, contribuem para o distanciamento entre espiritualidade e responsabilidade com a criação, repercutindo em práticas desprovidas de consciência ambiental. Conclui-se que tais aspectos da fé pentecostal clássica, levam o cuidado com a criação, nas dinâmicas da moda, ser uma ordenança que vem sendo desconsiderada e esquecida. A proposta deste artigo não tem a pretensão de esgotar o tema, espera-se fomentar discussões acerca da mordomia ambiental cristã no contexto da moda modesta e contribuir para o avanço na produção científica.

Palavras-chave: moda modesta; mordomia ambiental cristã; sustentabilidade; pentecostalismos; escatologia.

ABSTRACT:

This paper seeks to understand the theological aspects that influence the widespread absence of environmental care in the practice of classical Pentecostal

⁴³ Mestranda em Design de Vestuário e Moda pela Udesc. Especialista em Ux Design e Bacharel em Design de Moda pela Univille. E-mail: quezia.ribas@gmail.com

⁴⁴ Doutor em Teologia pela PUC do Paraná. Mestre em Teologia pela Fabapar. Graduando em Teologia, Administração e Ciências Contábeis. Email: ailto@ceeduc.edu.br.

faith, especially in the context of environmental issues associated with the fashion industry. To this end, a theoretical study was conducted using a qualitative and descriptive methodological approach. The procedures included a literature review and desk research, articulated with the help of constructivist and hermeneutic analysis. The results indicate that aspects of the eschatological view, which is escapist, speculative, and fatalistic in nature, with an emphasis on a dualistic anthropology and traces of so-called customs and traditions, contribute to the distance between spirituality and responsibility for creation, resulting in practices devoid of environmental awareness. It is concluded that such aspects of classical Pentecostal faith lead to care for creation in the dynamics of fashion being the ordinance that has been disregarded and forgotten. This article does not claim to exhaust the topic, but hopes to foster discussions about Christian environmental stewardship in the context of modest fashion and contribute to the advancement of scientific production.

Keywords: modest fashion; christian environmental stewardship; sustainability; pentecostalism; eschatology.

INTRODUÇÃO

O mordomo é aquele que entende seu papel de servo, de quem se espera a administração responsável dos bens e recursos que lhe foram confiados⁴⁵. Essa compreensão é uma ideia com limitações, mas amplamente difundida no meio cristão e constantemente apresentada como um princípio norteador do papel do homem no mundo criado por Deus. Nos últimos anos, observa-se um esforço da igreja brasileira para recuperar o conceito bíblico de mordomia cristã como algo que se estende a todas as dimensões da vida e da criação. Essa noção tem sido explorada, sobretudo, em âmbitos como a gestão financeira, a administração do tempo, a produtividade, ou ainda, no cuidado com o corpo.

⁴⁵ PEREIRA, Tiago. *A mordomia ambiental cristã é suficiente? Unus Mundus*, Belo Horizonte, n. 3, jan-jun, 2024. Disponível em: <https://unusmundus.academiaabc2.org.br/a-mordomia-ambiental-crista-e-suficiente/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

Contudo, infelizmente, essa compreensão ainda se mostra restrita. O conceito, embora relevante e presente em discursos teológicos e pastorais, ainda não tem sido suficiente para inspirar uma reflexão e prática mais ampla. Pouco, ou quase nada, se fala da aplicação do conceito bíblico de mordomia cristã no trato das questões ambientais nas dinâmicas com a moda. Como bem observa o teólogo e pastor Robert Covolo⁴⁶, “a moda apresenta diversas questões sérias a todos os cristãos que, vamos admitir, vestem algum tipo de roupa”. Ele acrescenta ainda, que não se pode dispensar a moda, ao vestir-se pela manhã participamos dos sistemas, estruturas e padrões da moda. Além disso, e os cristãos que trabalham na indústria da moda, o que dizer a respeito? Como eles devem compreender e exercer sua responsabilidade de modo que glorifique a Deus nesse contexto?

Essa reflexão torna-se ainda mais urgente diante do cenário atual da indústria da moda, marcado por práticas insustentáveis e impactos socioambientais alarmantes. Marcas negligentes, ao ampliarem a produção de roupas de baixo custo e durabilidade, aumentam também os danos sociais e ambientais. Segundo a Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente⁴⁷ (ABREMA), atualmente, são produzidas globalmente cerca de 100 bilhões de peças de vestuário por ano, o dobro em relação a 2000. Tantas peças de vestuário a baixo custo alteraram a relação das pessoas com as roupas, que são usadas menos vezes do que 15 anos atrás, e, depois de apenas sete ou oito usos, vão para descarte. Como consequência, multiplicam-se imagens de montanhas de roupas

⁴⁶ COVOLO, Robert. *Recursos reformados para pensar sobre moda*. In: KAEMINGGK, Mathew. *Teologia pública reformada: uma visão abrangente para a vida*. 1. ed. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2023. p. 269.

⁴⁷ ABREMA. Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente. *Na era da moda rápida e barata, 80% do descarte têxtil vira lixo*. 2025. Disponível em: <https://www.abrema.org.br/2025/01/20/na-era-da-moda-rapida-e-barata-80-do-descarte-tetil-vira-lixo/>. Acesso em: 5 de nov. 2025.

descartadas em locais como o deserto do Atacama, no Chile, e nas praias de Gana, na África.

No Brasil, um estudo da Inteligência de Mercado (IEMI) para a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção⁴⁸ (ABIT) indicou que a produção de confecção subiu de 7,9 bilhões de peças em 2020 para 8,07 bilhões de peças em 2022. Esses estudos sugerem o aumento proporcional do lixo têxtil e alertam para uma crise de excesso de produção na indústria da moda. Além disso, a indústria da moda é uma das maiores consumidoras de água. O Brasil, o segundo maior produtor de jeans do mundo, com um consumo médio de 15 mil litros de água na produção de uma calça jeans, contribui nesse cenário⁴⁹. Soma-se a isso, a relevância do Brasil como um grande produtor de algodão, fibra que representa 90% das fibras naturais utilizadas na indústria têxtil, e que utiliza em média mais de 30 mil litros de água para criar um quilo de algodão⁵⁰. Estima-se que 17% a 20% da poluição industrial da água é causada pelo tratamento e tingimento de tecidos⁵¹.

O consumo excessivo de água, emissões de poluentes e produção de resíduos levam a indústria da moda ser classificada como uma das mais poluentes do mundo, consumindo e poluindo com números alarmantes. Portanto, os dados confirmam, “o cuidado com o meio ambiente é a ordenança que vem sendo desconsiderada e esquecida”⁵² pelos cristãos. Diante desse contexto, emerge uma

⁴⁸ ABIT. Associação Brasileira da Indústria Têxtil. *Perfil do setor*. 2025. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>. Acesso em: 5 de nov. 2025.

⁴⁹ ABIT. Associação Brasileira da Indústria Têxtil. *Perfil do setor*. 2023. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>. Acesso em: 13 de nov. 2023.

⁵⁰ ABIT, 2023.

⁵¹ ABIT, 2023.

⁵² MARINGOLI, Ângela. *Evangélicas na luta pela preservação do meio ambiente na América Latina e Brasil*. In: MESQUIATTI, David. *Experiência pentecostal na América Latina*. 1. ed. São Paulo: Editora Recriar, 2024. E-book. Disponível em: www.bibliotecaintuitiva.com.br. Acesso em: 4 de nov. 2025

questão. Será que produtores e consumidores da moda evangélica, comum no contexto pentecostal, deveriam preocupar-se apenas com a estética modesta para glorificar a Deus? Se a mordomia bíblica cristã abrange todas as dimensões da vida, então a moda, produzida e consumida por cristãos, não deveria refletir compromisso com o cuidado da criação? Assim, torna-se oportuno desenvolver um estudo teórico que revise e amplie o conceito de mordomia bíblica, articulando a relação entre a mordomia ambiental cristã e a moda evangélica, para posteriormente analisar os aspectos que impulsionam a desconexão do conceito de mordomia e o exercício da fé pentecostal.

Desse modo, o objetivo deste artigo é compreender os aspectos teológicos que influenciam a majoritária ausência do cuidado ambiental no exercício da fé pentecostal clássica, especialmente no contexto das questões ambientais associadas à indústria da moda. Neste sentido, a presente pesquisa é de natureza básica, com abordagem qualitativa e descritiva⁵³, tendo como procedimentos técnicos a revisão bibliográfica tradicional⁵⁴ e a pesquisa *desk*⁵⁵ articulada com auxílio da análise construtivista⁵⁶ e hermenêutica, voltada à compreensão crítica do fenômeno à luz dos princípios bíblicos de cuidado com a criação. Assim, o artigo está organizado da seguinte maneira: a primeira seção apresenta uma revisão e ampliação do termo mordomia cristã; a segunda evidencia aspectos da teologia pentecostal clássica; a terceira apresentou a análise e discussões; e por fim, a conclusão com os agradecimentos. Para iniciar a abordagem, apresenta-se o conceito de mordomia cristã.

⁵³ GIL, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

⁵⁴ SILVA, Mary Aparecida. *Métodos e técnicas de pesquisa*. 2. Ed. Curitiba: Ibpex, 2003.

⁵⁵ VIANNA, Mauricio et al. *Design Thinking – Inovação em Negócios*. Rio de Janeiro: Editora MJV Press, 2012.

⁵⁶ GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

1. MORDOMIA CRISTÃ

A noção dos homens como “mordomos da terra” foi trabalhada nos primórdios da Igreja cristã por nomes como Agostinho e Crisóstomo; já a noção moderna, parece estar ligada a movimentos mais recentes e posteriores à própria Reforma Protestante⁵⁷. Um dos difusores do conceito no protestantismo, nos séculos 17 e 18, foi o advogado e jurista inglês Matthew Hale (1609-1676), que pregava que os humanos deveriam ser os administradores das propriedades de Deus, encarregados de cuidar e melhorar a sua propriedade⁵⁸. Já no cenário norte-americano, paralelamente, o conceito de mordomia como administração ou gerenciamento de recursos — a criação — que pertencem a outra pessoa — Deus —, se desenvolveu com fortes conotações econômicas⁵⁹. Assim, primariamente, a mordomia cristã tornou-se vinculada a questões administrativas e patrimoniais⁶⁰.

1.1 Mordomia ambiental cristã

A partir da década de 1970, autores e teólogos passaram a reconhecer uma lacuna na compreensão da mordomia cristã, especialmente quanto à sua aplicação nas questões ambientais. Nesse contexto, o termo começou a ser explorado e empregado nas questões ambientais, sob a denominação de mordomia ambiental⁶¹. Segundo o biólogo Tiago Pereira⁶², mestre e doutor em Botânica, as obras publicadas nesse período tinham o intuito de fomentar a concepção de uma

⁵⁷ PEREIRA, 2024.

⁵⁸ JORGENSON, Kiara; PADGETT, Alan G. *Ecotheology: a Christian conversation*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2020.

⁵⁹ WARNERS, David P.; HEUN, Matthew Kuperus. *Beyond Stewardship: New Approaches to Creation Care*. Grand Rapids, MI: Calvin College Press, 2019.

⁶⁰ PEREIRA, 2024.

⁶¹ PEREIRA, 2024.

⁶² PEREIRA, 2024.

mordomia ambiental cristã, promovendo uma interlocução entre a teologia e as temáticas ecológicas.

Assim, o conceito de mordomia cristã amplamente difundida, baseia-se na imagem do mordomo como um servo fiel que cuida, zela e administra com responsabilidade todos os bens que seu senhor coloca sob seu cuidado. Esse conceito é construído a partir de verdades bíblicas como: Lucas 12:42-48, Lucas 16:1-13, 1Pedro 4:10, Marcos 10:45. Aplicando este conceito na realidade, tem-se o homem no papel do mordomo, os bens como sendo o mundo, e o senhor sendo Deus. Porém, teólogos e estudiosos do tema, cuidado da criação, têm percebido que esse conceito de mordomia ambiental cristã, apesar de transmitir um senso de compromisso e zelo sincero, ainda é uma ideia com grandes limitações. Segundo Warners e Heun⁶³, “se entendermos que os homens são simplesmente mordomos, a riqueza da nossa descrição de trabalho se perde e nos tornamos meros administradores da criação, limitando o escopo de nossa responsabilidade e nos isentamos de muitas outras tarefas no que diz respeito à criação”.

Com base na análise de Pereira, apesar do conceito de mordomia ser construído a partir de verdades bíblicas e transmitir um senso de compromisso e zelo, podem surgir diversas dificuldades a partir das formas de se interpretar as funções e o trabalho do mordomo. Sem a pretensão de descartar o conceito de mordomia, mas a fim de respaldar a construção de uma compreensão mais rica e profunda do relacionamento do cristão com a criação, a Figura 1 demonstra alguns dos pontos levantados por Pereira como dificuldades que podem surgir a partir das formas de se interpretar as funções e o trabalho do mordomo. Segundo Pereira, as limitações surgem, especialmente pelo fato da figura do mordomo não estar necessariamente implícita nos relatos da criação de Gênesis 1 e 2.

⁶³ WARNERS e HEUN, 2019.

Figura 1 - Limitações associadas ao conceito de mordomia ambiental cristã

Limitação	Descrição
Natureza reduzida a "recurso divino"	O pensamento utilitarista, onde se trata a natureza a partir de uma visão instrumental;
Falta de uma cosmologia relacional	A falsa conclusão de que a natureza, de alguma forma, precisa de nós para realizar todo seu potencial, à espera do homem para se desenvolver;
Visão antropocêntrica persistente	Enfatizar a figura do mordomo como mero administrador de bens para o senhor de uma propriedade;
Visão antropocêntrica persistente e falta de uma cosmologia relacional	Correr o risco de enfatizar exageradamente a distinção humana em relação à criação não humana, menosprezando nossa própria condição de criatura e nos colocando cada vez mais distantes do restante da criação;
Ênfase na responsabilidade individual	A possibilidade de adoção de uma perspectiva mais individualista que comunitária.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Pereira (2024).

Em suma, para Pereira e especialista do tema, o problema não tem a ver necessariamente com o termo mordomia, mas com a forma como o conceito é interpretado. Assim, o questionamento que emerge é sobre qual o papel que o homem deve exercer diante da natureza? Ou ainda, o que Deus espera de suas criaturas e qual o propósito delas diante da criação? Pereira sugere que o anseio de Deus é algo mais profundo, um verdadeiro relacionamento entre Ele, o homem e todo o restante da criação. Portanto, a ação ecológica é mais uma questão de um relacionamento correto do que de uma administração correta. Assim, para tecer a compreensão do que significa ser um mordomo da criação, é relevante retomar o comunicado de Deus sobre o propósito para o qual a humanidade foi criada.

Os relatos da criação presentes nos primeiros capítulos de Gênesis ajudam a nortear o conceito de mordomia ambiental cristã bíblica. Em Gênesis 1.26-28 diz:⁶⁴

26 Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra". 27 Criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. 28 Deus os abençoou e lhes disse: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra."

Dito isso, observa-se que a ordem de dominar sobre a criação surge no primeiro relato da criação, onde encontra-se a primeira função ordenada exclusivamente ao homem. Segundo Pereira⁶⁵, dois verbos são usados para explicar essa função no texto original em hebraico, “*radah*”, que significa dominar, governar ou reinar; e “*kabash*”, que significa subjugar, submeter, controlar ou conquistar. A interpretação correta para “*kabash*”, está vinculada a uma ideia de cuidado e respeito pela criação, não deve ser interpretada no sentido de uma exploração violenta. A compreensão está constantemente associada ao uso que se faz da terra para a própria sobrevivência. No caso dos seres humanos, essa compreensão está ligada à prática da agricultura e ao trabalho na terra. Nesse caso, o uso de ferramentas e tecnologia é positivamente aplicado ao benefício humano, mas não como um projeto de conquista e transformação de recursos.

Já “*radah*”, parece distinguir melhor a função exclusiva do homem diante da criação. Pereira afirma, com base no teólogo Christopher Wright⁶⁶, que Deus transmite às mãos humanas uma forma delegada da autoridade real do próprio

⁶⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015. p.2.

⁶⁵ PEREIRA, 2024.

⁶⁶ WRIGHT, Christopher J. H. *A ética do Antigo Testamento: o povo de Deus vivendo como o povo de Deus*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2012.

Deus sobre toda a sua criação. Os humanos, estabelecidos como imagens de Deus na criação, são um sinal da extensão da autoridade desse Deus, que é Criador e dono de toda a terra (Sl 24.1, 115.16). O primeiro capítulo de Gênesis emprega uma linguagem que denota realeza, mas não uma realeza como estamos habituados, nos termos das monarquias europeias. A descrição da realeza no contexto das sociedades agrícolas do Antigo Oriente Próximo baseava-se num governo simbolizado pela imagem de um pastor. O rei era visto como um pastor de seus súditos, o guardião de suas vidas e de seu conforto. A posição de domínio, nesse caso, existia para o benefício dos seus seguidores. Diversos salmos ressaltam a realeza de Deus representando-o como um pastor (Sl 145, Sl 72).

Portanto, não é por acaso que a ordem de dominar aparece imediatamente após os seres humanos serem criados à imagem de Deus, algo único dentre todas as criaturas⁶⁷. A imagem, conforme apresentada no relato da criação, segue o padrão cultural do antigo oriente próximo de representação da realeza divina. O domínio humano sobre o restante da criação deve ser um exercício de realeza que reflete o caráter e os valores da realeza do próprio Deus⁶⁸. “Portanto, se entendemos que ser imagem de Deus na criação é o que nos capacita para o domínio, precisamos entender também que é ela que nos limita para não sermos tiranos”⁶⁹. O homem existe para o benefício da criação. As ações de um rei-pastor deveriam se pautar pelo serviço, cuidado e responsabilidade, não pela imposição de poder e a exigência de direitos. No padrão bíblico, o rei é um servo, isso nos coloca na mesma direção do senhorio de Cristo, que esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo.⁷⁰

⁶⁷ PEREIRA, 2024.

⁶⁸ WRIGHT, 2012.

⁶⁹ PEREIRA, 2024.

⁷⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.1159.

Ainda segundo Pereira⁷¹, Gênesis 2 é complementar ao entendimento até aqui costurado, pois auxilia no entendimento do propósito de Deus para nós diante da criação. Não havia ainda nenhuma planta na terra, porque Deus não tinha feito chover, e também porque não havia ninguém para cultivar o solo⁷². Deus então planta um jardim no Éden e coloca o homem ali para cultivá-lo e guardá-lo⁷³. O autor de Gênesis aqui parece ter o intuito de complementar e desenvolver melhor a ideia de domínio que o homem havia recebido anteriormente. O primeiro verbo no hebraico é *abad*, que é traduzido muitas vezes como “cultivar”, mas também tem seu sentido relacionado à realização de trabalho ou algum tipo de serviço. No caso específico de Gn 2:15, o termo tem a ver com o trabalho agrícola, o cultivo da terra, e isso coloca em evidência a relação primordial do ser humano com o solo, de onde ele mesmo se origina. O solo, aliás, é fundamental para a compreensão dessa narrativa no relato da criação. Para fortalecer o pensamento construído, Tiago Pereira cita a o teólogo Santmire⁷⁴, que afirma que “a terra é um personagem por direito próprio neste drama teológico. A terra tem sua própria integridade, e, nesse sentido, seu próprio lugar, essencial no esquema maior das coisas. Não é apenas uma plataforma para apoiar a vida humana”.

O primeiro relato da criação apresenta um papel distinto e único para o ser humano diante das demais criaturas, já o segundo relato parece ter o intuito de mostrar as semelhanças do homem dentro da criação⁷⁵. O texto é enfático em mostrar que não apenas o homem se origina do solo, mas também todas as plantas

⁷¹ PEREIRA, 2024.

⁷² BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.3.

⁷³ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.3.

⁷⁴ SANTIMIRE, H. Paul. *Celebrating nature by faith: studies in Reformation theology in an era of global emergency*. Eugene, OR: Cascade Books, 2020.

⁷⁵ PEREIRA, 2024.

e todos os animais⁷⁶. É interessante notar, inclusive, que o fôlego de vida que o homem recebe e o torna um ser vivente não é exclusividade sua, mas algo comum a todos os seres vivos. Os textos de Gênesis 1 e 2, dessa forma, se complementam ao construir no imaginário hebreu tanto a posição quanto a função do homem diante da criação.

Portanto, na conjunção das duas narrativas teocêntricas, o papel de domínio humano deve ser compreendido não fora, mas dentro da criação, onde se constroem as relações de interdependência e cooperação entre todos os seres criados e também deles com o solo⁷⁷.

A relação do homem com o solo também é fundamental para compreender o papel do cultivo como uma forma de serviço que precisa ser sensível às necessidades alheias. Antes de Deus criar o homem como um jardineiro, o próprio Deus plantou um jardim⁷⁸, e vemos a relação do próprio Criador com o solo ao soprar o fôlego de vida sobre ele, um indicativo de uma relação de movimento e proximidade. É Deus, o jardineiro, que desce ao solo para cultivá-lo. Se devemos ser jardineiros, essa função só será exercida adequadamente ao olharmos para o exemplo do Criador e nos reconhecermos como imagens dele na terra.

Ao olhar para o contexto mais amplo, podemos ver nos relatos da criação que o estabelecimento do jardim é o lugar da habitação de Deus. Nesse sentido, o trabalho de Adão como um jardineiro precisa ser complementado com uma outra imagem, que é claramente introduzida pelo segundo verbo presente em Gênesis 2.15⁷⁹. No hebraico original, o verbo é *shamar*, traduzido geralmente como “guardar”, com o sentido de proteger, cuidar e manter (sejam pessoas, animais ou

⁷⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.3.

⁷⁷ PEREIRA, 2024.

⁷⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.3.

⁷⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.3.

lugares). Na visão do jardim como o templo de Deus, Adão e Eva deveriam ser representantes sacerdotais de Deus, responsáveis por cuidar daquele espaço sagrado e servirem como mediadores entre o Criador e as demais criaturas, relacionando-se com ele em nome delas e refletindo o caráter divino através do amor, da justiça, da generosidade e do serviço. A humanidade, no plano da criação, é encarregada de dominar por intermédio do serviço e, com seu próprio poder criativo, espalhar a ordem e a beleza do jardim para o resto da criação.

Nossa vocação humana é trabalhar e cuidar do lugar onde Deus nos plantou, servi-lo ao governar a criação como sacerdotes em seu templo. Cuidar da terra não é, dessa maneira, um tema bíblico periférico; é central para nossa identidade como portadores da imagem de Deus. O propósito do domínio que nos é dado sobre outras criaturas é a paz e a bênção que Deus pretende para nós e toda a sua criação.⁸⁰

Toda a criação tem como propósito último a glória de Deus, e se o ser humano é criado para dominar sobre a criação, ele glorificará a Deus exercendo esse domínio de forma adequada. Para isso, cabe apresentar-se como um verdadeiro sacerdote e um verdadeiro rei diante da criação. Entretanto, o sacerdócio e reinado dos cristãos diante da criação tem falhado, os dados dos crescentes danos ambientais provam isso, já que o Brasil caracteriza-se principalmente pela presença do cristianismo, tornando o Brasil um ator expressivo no cenário cristão mundial, o segundo país com mais cristãos no mundo, onde um grupo expressivo dentro desse cenário é o movimento pentecostal. Quando se fala em pentecostalismo, a impressão é de que se trata de um movimento de um único grupo, porém, diante da pluralidade e da diversidade que ele apresenta, a forma correta de indicar este fenômeno é chamá-lo de

⁸⁰ PEREIRA, 2024.

pentecostalismos — sempre no plural, nunca no singular⁸¹. Dito isso, no Brasil, os pentecostalismos possuem 25 milhões de seguidores⁸².

2. OS PENTECOSTALISMOS

Segundo a delimitação sociológica de Paul Freston⁸³, há três ondas do movimento pentecostal no Brasil: a primeira, do pentecostalismo clássico, com a chegada e a fundação no Brasil da Igreja Congregação Cristã, em 1910, e da Igreja Assembleia de Deus, em 1911; a segunda, nos anos 1950 e início de 1960, com as pentecostais Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Igreja Deus é Amor (1962), destaques do período; e a terceira, designada também como neopentecostal, com a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1970). Seus precursores são o Bispo Edir Macedo e o Missionário R. R. Soares.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus (IEAD), pertencente a primeira onda, é a maior igreja pentecostal do Brasil⁸⁴. Ou seja, a maior comunidade dos pentecostalismos, sendo considerado também o maior grupo do movimento no mundo⁸⁵.

⁸¹ MARTINS, Aílto. *A história e teologia da escatologia oficial do pentecostalismo clássico. Estudos de Religião, [S. l.]*, v. 37, n. 1, p. 359–379, 2023. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/estudosreligiao/article/view/270>. Acesso em: 8 nov. 2025.

⁸² FERNANDES, Sílvia. *Christianity in Brazil: An Introduction from a Global Perspective*. Reino Unido: Bloomsbury Publishing, 2021.

⁸³ FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: 1994, p. 70.

⁸⁴ MARTINS, 2023.

⁸⁵ FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Assembleia de Deus no Brasil: uma igreja que cresce enquanto se fragmenta. AZUSA: Revista de Estudos Pentecostais, [S. l.]*, v. 5, n. 2, 2024. Disponível em: <https://azusa.emnuvens.com.br/revista/article/view/81>. Acesso em: 3 abr. 2025.

2.1 Escatologia

A Declaração de Fé, ou seja, o credo oficial das Assembleias de Deus do Brasil, ligadas à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), do ponto de vista escatológico, afirma o seguinte⁸⁶:

13. Cremos na segunda vinda de Cristo, em duas fases distintas: a primeira, invisível ao mundo, para arrebatá-la igreja antes da Grande Tribulação; a segunda, visível e corporal, com sua igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16-17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 1.14)).

14. Cremos no comparecimento ante o Tribunal de Cristo de todos os cristãos arrebatados, para receberem a recompensa pelos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2 Co 5.10).

15. Cremos no juízo final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que morreram durante o período milenial e o que, ao final desta época, estiverem vivos. E na eternidade de tristeza e tormento para os infieis e vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis de todos os tempos (Mt 25.46; Is 65.20; Ap 20. 11-15; 21.1-4).

Segundo Martins⁸⁷, em síntese, o credo assembleiano, sob a ótica da escatologia, compreende uma percepção escatológica de linha pré-tribulacionista, dispensacionalista e pré-milenarista. A saber, o pré-tribulacionista afirma que a igreja, o corpo de Cristo, em seu todo, será, por ressurreição e por transferência, retirada da terra antes de começar qualquer parte da septuagésima semana de Daniel⁸⁸. O dispensacionalista compreende que a história da redenção está dividida em sete dispensações; a dispensação é definida como um período de tempo durante o qual o homem é testado em relação à sua obediência e a algumas

⁸⁶ SILVA, Esequias Soares da. *Declaração de Fé*: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 23.

⁸⁷ MARTINS, 2023.

⁸⁸ PENTECOST, J. Dwight. *Manual de Escatologia*: uma análise detalhada dos eventos futuros. São Paulo, 2006, p. 217.

revelações específicas da vontade de Deus⁸⁹. Por fim, o pré-milenarista, divide-se em relação a pré-milenarismo histórico e pré-milenarismo dispensacionista. A marca distintiva entre as duas correntes de interpretação se baseia no fato de a primeira corrente não estabelecer distinção entre a igreja (formada de judeus e gentios, que se tornam povo de Deus) e Israel. Já a segunda corrente faz a diferença entre esses dois povos. Contudo, ambos defendem, em linhas gerais, que Cristo voltará antes do milênio e literalmente reinará sobre a terra por um período de mil anos, antes da restauração final de seu senhorio⁹⁰.

Para Dayton Donald⁹¹, essa escatologia que veio se tornar oficial no pentecostalismo clássico, chama atenção por se afastar das raízes teológicas metodistas do pré-pentecostalismo. Pois com isso, abandonou sua própria vertente pneumatológica da escatologia fundamentada na doutrina da chuva serôdia ou tardia, que apresentava o evangelho completo ou de cinco pontas: justificação, santificação, cura, batismo no Espírito Santo e a segunda vinda de Cristo⁹². Ainda com base em Ailton Martins, a causa desse abandono se deu principalmente devido a chave hermenêutica da glossolalia, que levou ao reducionismo no tratamento da teologia do pentecostalismo clássico e, por conseguinte, impediu uma reflexão crítica de sua origem teológica e escatológica-pneumatológica, incorporando e seguindo a doutrina fundamentalista, que se encontravam na razão da teologia moderna de tendência cessacionista. Dito isso, nota-se que tal linha escatológica impacta na realidade, em especial no aspecto do cuidado com a criação. Além do aspecto escatológico, outro ponto necessário a destacar é o caráter dualista do pentecostalismo clássico.

⁸⁹ LOPES, Edson Pereira. *Fundamentos da Teologia Escatológica*. São Paulo, 2013, p. 38.

⁹⁰ LOPES, 2013, p.31.

⁹¹ DONALD, Dayton. *Raízes teológicas do Pentecostalismo*. Natal, RN: Carisma, 2018.

⁹² MARTINS, Ailto, 2023.

2.2 Dualismo Antropológico

A antropologia do pentecostalismo clássico no Brasil, representada especialmente pelas Assembleias de Deus, é uma das atuais expressões religiosas de caráter dualista⁹³. Entretanto, o dualismo não é uma posição exclusivamente pentecostal, ele está presente na história do cristianismo desde os seus primórdios. No anseio de expressar a verdade cristã, teólogos e filósofos influenciados pela perspectiva platônica dividiram o ser humano e suas ações em partes, tornando o ser humano bipartido ou tripartido⁹⁴. Assim, o cristianismo ocidental ficou seriamente afetado. Mas o reflexo desse pensamento grego, parece perdurar e se mostrar explícito no modo cristão pentecostal de pensar na modernidade⁹⁵.

Na visão dualista antropológica, há uma supervalorização do que, no senso comum, tem-se como aspecto espiritual — sagrado —, em relação ao âmbito material — secular ou profano —. Os nascidos e criados no contexto da fé cristã pentecostal, comumente ouviam o termo “vida secular”, em conversas que incluíam perguntas como: o que o irmão faz na vida secular? Você é pastor em tempo integral ou trabalha no secular? Termos ou perguntas que refletiam exatamente a maneira dualista de enxergar a realidade. Com isso, o culto, a oração, a leitura da Bíblia, seriam atividades sagradas, já o lazer, meramente secular. O pastor ou missionário estariam servindo a Deus em suas atividades, já o estilista, apenas exercendo uma atividade secular. Um entendimento de que a vida

⁹³ ALBANO, Fernando. *Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal*. 2010. 63 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est (Escola Superior de Teologia), São Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/149?show=full>. Acesso em: 25 out. 2025

⁹⁴ALBANO, 2010.

⁹⁵ALBANO, 2010.

é separada entre um mundo espiritual — bom — e um mundo material — mau⁹⁶. Um pensamento de que existem assuntos que pertencem “ao andar de cima” e assuntos que pertencem ao “andar de baixo”⁹⁷.

O dualismo antropológico presente na teologia pentecostal “tende a uma exagerada valorização do espiritual, que esquece o “aqui e agora”, e enfatiza a salvação da alma”⁹⁸. Assim, o dualismo presente, ainda que moderado, explica a insuficiência em práticas que visam à transformação da realidade social e material, bem como o distanciamento dos pentecostais da vida social⁹⁹. Esse distanciamento da vida social, dentre outras dinâmicas na vida ordinária, como, por exemplo, o uso da saia pelas mulheres, são impostos silenciosamente pelos vestígios dos chamados usos e costumes. Com isso, a comunidade assembleiana possui algumas características que se tornaram marca registrada do movimento.

2.3 Usos e Costumes

Segundo Alencar¹⁰⁰ e Reis¹⁰¹, a Assembleia de Deus no Brasil, nunca publicou um regimento interno, cujas regras estabelecidas por sua liderança geral (CGADB), regulamentassem os atos e posturas de sua membresia. Sendo que o controle de tais atos e posturas pertencem as igrejas locais, por meio dos pastores

⁹⁶GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. *Introdução à cosmvisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e contemporânea*. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2016.

⁹⁷SCHAEFFER, Francis. *A morte da razão*. 2. ed. São Paulo, SP: ABU Editora; Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014.

⁹⁸ALBANO, 2010, p. 20.

⁹⁹ALBANO, 2010.

¹⁰⁰ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembleia de Deus – origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Bernardo do Campo, São Paulo: UMESP, 2000.

¹⁰¹ REIS, Roberto dos. A Assembleia de Deus no Brasil e a oficialização dos usos e costumes como preservação de sua identidade. *Revista de Iniciação Científica da FABAD*, v. 1 n. 01, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fabad.edu.br/index.php/RICF/article/view/18/22>. Acesso em: 3 abr. 2025.

locais que, ligados à CGADB e orientados pelos órgãos doutrinário-padronizadores da denominação exercem indiretamente tal função¹⁰².

Segundo Corobim¹⁰³, “costumes são as maneiras normais e habituais de um grupo fazer as coisas. São traços ou padrões culturais que distinguem as comunidades, sendo transmitidos de geração para geração (entre os membros dessa comunidade)” Ainda para este autor, os costumes religiosos são “regras de conduta (*folkways* e *mores*) mantidos por determinada instituição religiosa”¹⁰⁴.

Os chamados “usos e costumes” referem-se a uma expressão utilizada pelos pentecostais para se referir as regras internas impostas, “[...] com relação à forma de se vestir, esportes, o uso da televisão, cinema, danças e várias práticas de diversão”¹⁰⁵. As regras, apesar de muito rigorosas nas primeiras décadas do século 20, foram passando por um processo de flexibilização nas últimas décadas, e o estilo de vida e os hábitos construídos e desenvolvidos pelos líderes das Assembleias de Deus no Brasil, impostos sobre os seus membros, se relativiza na modernidade¹⁰⁶.

Apesar de na atualidade o direcionamento dos usos e costumes serem locais, ao longo da história da Assembleia de Deus, três convenções da CGADB colocaram em pauta as discussões dos usos e costumes. No ano de 1946, 1975 e 1999¹⁰⁷. Porém, torna-se relevante considerar os anos que antecederam estes fatos, pois já existiam alguns costumes – não oficiais – implantados na comunidade

¹⁰² REIS, 2020.

¹⁰³ COROBIM, Antonio Luiz. *Uma análise dos usos e costumes adotados pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB*. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Teologia) - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 10.

¹⁰⁴ COROBIM, 2008, p. 10.

¹⁰⁵ ALMEIDA, Joede Braga de. *O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembléias de Deus no Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007, p. 6.

¹⁰⁶ ALMEIDA, 2007.

¹⁰⁷ REIS, 2020.

pelos suecos, como “normas santificantes”, que foram mescladas de “[...] conhecimentos adquiridos entre seu país de origem, o tempo de sua convivência e aprendizado sobre pentecostalismo na América do Norte, a convivência com os irmãos que foram excluídos da Igreja Batista, em Belém”¹⁰⁸. A estes costumes, incluíam-se itens a respeito de alimentação, cultura, vestuário e comportamento social¹⁰⁹. Outro fato que Almeida levanta, é que, desde os primeiros dias de sua existência no Brasil, um questionamento recorrente que o movimento recebe, é em relação a vestimenta das mulheres, que em um lugar tão quente como o norte e nordeste do Brasil, cobriam-se da cabeça aos pés. Para Almeida, é possível que o costume de se apresentar com o corpo totalmente coberto seja não somente uma prova de pureza, mas também uma continuação dos costumes do Norte do planeta, ou seja, particularmente da Suécia e do EUA, de onde vieram Berg e Vingren, bem como grande parte da liderança atuante.

Dito isso, é notável que alguns dos usos e costumes permanecem enraizados na comunidade assembleiana. A determinação do uso da saia para as mulheres, por exemplo, tem relação direta com o contexto histórico dos anos em que as resoluções dos usos e costumes foram oficializadas pela CGADB, em 1946, 1975 e 1999, bem como, é o resultado da influência de seus fundadores e líderes imigrantes da Europa e Estados Unidos da América¹¹⁰. A Assembleia se utiliza da estética como uma espécie de comprovação de devoção e diferenciação, a partir de “códigos culturais associados à feminilidade”¹¹¹. Conseqüentemente, esse contexto torna-se um dos motivadores para o surgimento do mercado da moda evangélica.

¹⁰⁸ ALMEIDA, 2007, p.48.

¹⁰⁹ ALMEIDA, 2007.

¹¹⁰ Informação verbal fornecida por RIBAS, Quézia Elisama na apresentação do artigo “*O uso da saia por mulheres pentecostais: influencias para além da normativa bíblica*”, no 20º Colóquio de Moda, realizado na FAAP em São Paulo, em 2 de outubro de 2025.

¹¹¹ RIBAS, 2025.

2.4 Moda Evangélica

A moda evangélica no Brasil, atende o desejo de mulheres em trazer autenticidade ao vestir, ou, até mesmo, vestir as tendências de moda, mas sem abandonar os preceitos de modéstia, ou, as regras impostas pelas religiões evangélicas. Nos estudos de teorização da moda, o termo equivalente à moda evangélica é moda modesta. O termo, “moda modesta”, é frequentemente reconhecido por pesquisadores deste tema como um movimento relacionado a mulheres que usam vestimentas que cobrem o corpo e revelam menos pele (Pollard, 2006; Lewis, 2015; Prahastuti *et al.*, 2020). A definição exata de modesta varia entre culturas e países, pois é influenciada por múltiplos fatores. O ponto a considerar, se comparar moda modesta e moda evangélica, é a motivação para o uso de tal. Na moda modesta a motivação pode variar, enquanto na moda evangélica a motivação é preceitos religiosos.

Em abril de 2025, o *podcast* da *The Business of Fashion*¹¹² (BoF) divulgou uma conversa com empresários líderes do setor da moda modesta e com a representante da Forbes Oriente Médio, Sally Moussa, no qual discutiram a ascensão global da moda modesta, sua importância cultural e seu futuro comercial. Na conversa, o grupo aponta que a moda modesta abrange países e comunidades extremamente diversos, com diferentes fontes de tendências e tradições, e que está passando por um período sem precedentes de formalização, industrialização e globalização¹¹³.

¹¹² A BoF é uma plataforma *online* e revista de negócios da indústria global da moda e beleza, conhecida por suas análises, notícias e ponto de vista autoritário e muitas vezes definidor de agendas sobre a indústria da moda global.

¹¹³BOF. *BoF Podcast | Modest fashion at a crossroads*. Disponível em: <https://www.businessoffashion.com/podcasts/global-markets/the-bof-podcast-modest-fashion-at-a-crossroads/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

3. ANÁLISE E DISCUSSÕES

É perceptível que o Brasil, com a moda evangélica, não passa despercebido no cenário da moda modesta global. A pesquisadora referência em estudos do tema, Reina Lewis, *centenary professor*¹¹⁴ de estudos culturais na *London College of Fashion (LCF)*, da *University of the Arts London (UAL)*, afirma em estudo publicado já em 2015, que o vestuário modesto, quando motivado por preceitos religiosos, é frequentemente associado a mulheres cristãs pentecostais no Brasil¹¹⁵. Além disso, pesquisadores brasileiros da área de consumo, identificaram a relevância e representatividade desse público para o mercado da moda nacional e desenvolvem estudos.

Dito isso, um estudo relevante a ser citado aqui é o artigo desenvolvido por Silva *et al*¹¹⁶, que tinha como objetivo explorar o comportamento de consumo de moda comportada de mulheres evangélicas, analisando dados coletados com mulheres integrantes de comunidades religiosas, especificamente da Assembleia de Deus. Os resultados do estudo revelam que a visão sobre práticas, valores e significados em relação ao consumo de moda evangélica é influenciado pela prática religiosa, e reflete no modo como elas se dedicam à escolha e consumo de roupas. Outro resultado relevante levantado pelo estudo é que o ritual religioso impulsiona o consumo de roupas evangélicas, pela criação da ocasião de uso. Isso é intensificado pela multiplicidade de estilos e temas dos cultos, que é um item

¹¹⁴ O título de *Centenary Professor of Cultural Studies* foi atribuído a Reina Lewis como reconhecimento por sua contribuição acadêmica significativa na área de estudos culturais, com ênfase em Moda, religião, gênero e diversidade. Esse título também indica posição sênior com destaque institucional.

¹¹⁵ LEWIS, Reina. Fashion, Shame and Pride: Constructing the Modest Fashion Industry in Three Faiths. In: Brunn, Stanley D. *The Changing World Religion Map*. Springer, Dordrecht: 2015. p. 2597-2609. DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-017-9376-6_136.

¹¹⁶ SILVA, Rosemeire *et al*. *Moda evangélica: a prática religiosa na influência do comportamento do consumidor*. *Emprad: Encontro dos Programas de Pós-graduação Profissionais em Administração*. São Paulo/Sp, p. 1-15. nov. 2021. Disponível em: <https://sistema.emprad.org.br/7/anais/arquivos/96.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2025.

fundamental para o movimento dessa economia. A busca pela roupa mais adequada para os diversos momentos sociais (de pequenas reuniões durante a semana, ao culto de Santa Ceia, que é um grande evento que acontece uma vez por mês) tem sido cada vez mais intensa, gerando a necessidade de uma grande variedade de opções e alternativas exclusivas.

Com base nesses dados e no aumento crescente dos danos causados pela indústria da moda, entende-se que é necessário inserir no ambiente pentecostal reflexões a respeito do pertencimento do cristão no relacionamento com a criação. Além disso, e como bem pontua Covolo, e os cristãos que trabalham na indústria da moda evangélica? A responsabilidade não pode ficar só com o consumidor.

A indústria da moda é muito bem sucedida em fazer comprar coisas de que não se precisa. Na realidade, esta característica não é algo exclusivo deste setor, a sociedade é hiper estimulada ao consumo. As dinâmicas do consumo contemporâneo de moda estão, frequentemente, ligadas à intenção de satisfazer desejos ao invés de necessidades, o que desencadeia impulsos de compra não racionalizados¹¹⁷. O consumo foi vendido como uma porta para a felicidade, então as pessoas foram estimuladas a comprar mais que o necessário¹¹⁸. Portanto, a responsabilidade sócio ambiental do consumo, não pode ficar só com quem compra. A crise foi causada justamente pelo consumo promovido por empresas que lucram com o excesso.

O fato é, seja como consumidor, fundador de uma marca, empresário do ramo da confecção. É preciso retomar o papel de mordomos e rever as ações nesta estrutura. Nesse sentido, a visão dualista antropológica no exercício da fé pentecostal, por certo não contribui para que a mordomia ambiental cristã seja

¹¹⁷ BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2006.

¹¹⁸ CARVALHAL, André. *Moda com propósito: manifesto pela grande virada*. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

incorporada. Entretanto, quem estabeleceu a cerca que delimita no mundo que tudo de um lado seja sagrado e tudo do outro lado seja secular?

Segundo o teólogo John Frame¹¹⁹, em certo sentido, a terra e os céus em sua totalidade são santos, pois são lugar da habitação de Deus¹²⁰. Inclusive, existe uma distinção na Bíblia entre âmbitos mais sagrados e âmbitos menos sagrados, porém Deus está presente em toda parte, mesmo separando determinados espaços em que sua presença é especialmente mais intensa. Vemos isso no primeiro encontro de Deus com Moisés, junto ao arbusto em chamas que não era consumido, Deus o institui a remover suas sandálias, pois o lugar em que ele estava era “terra santa”¹²¹. Outros lugares especialmente sagrados são o Sinai, o Tabernáculo e o Templo (especialmente o pátio interior), a pessoa de Cristo, e o corpo dos crentes como templo do Espírito¹²². Para Frame¹²³, é importante ainda observar que a Palavra de Deus define limites especiais para aqueles que entram em espaço sagrado. Moisés teve de remover as sandálias perto do arbusto em chamas, mas em outros lugares era aceitável que ele as calçasse. A teoria do sagrado e do profano, contudo, procura expandir essa distinção para todas as áreas da vida humana. Se assim fosse, levar incenso ao templo, por exemplo, seria uma atividade santa, enquanto aplicar leis civis, algo comum e secular¹²⁴.

Não há uma linha que possa dividir as várias atividades da vida humana, permitindo que algumas sejam consideradas sagradas e outras, seculares¹²⁵. Paulo diz em Romanos¹²⁶:

¹¹⁹ FRAME, John M. *Teologia em três dimensões: um guia para o triperspectivismo*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2023.

¹²⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.779.

¹²¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.50.

¹²² BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.23.

¹²³ FRAME, 2023.

¹²⁴ FRAME, 2023.

¹²⁵ FRAME, 2023.

¹²⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.1122.

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis vosso corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é vosso culto espiritual. Não vos amoldeis a este mundo, mas sede transformados pela renovação de vossa mente, para que por experiência, possais discernir a vontade de Deus, aquilo que é bom, agradável e perfeito.

Nesse contexto, o culto não consiste na participação de uma liturgia formal, consiste em ética: a tentativa do cristão de obedecer a Deus em tudo o que faz e, conseqüentemente, de ser diferente do mundo. A vida é, integralmente, adoração, e, por sua vez, toda vida redimida é santa¹²⁷. Fazer uma separação entre sagrado e secular é problemático, pois desconecta a fé com o restante da vida, levando o cristão a viver de forma fragmentada. Dessa forma, o significado da vida cristã fica rebaixado apenas à vida devocional, e extensas áreas da realidade humanas como a filosofia, a ciência, as artes, a moda, a sustentabilidade, ficam entregues ao “mundo”, já que os cristãos se concentram principalmente em atividades piedosas¹²⁸. Essa cosmovisão é conflitante com a cosmovisão bíblica, pois o que nos é oferecido através do evangelho não são fragmentos, e sim uma metanarrativa de criação, queda e redenção tecida em uma peça única¹²⁹. Tudo que Deus criou é, em sua essência, bom, mas foi corrompido pelo pecado, e no devido tempo será restaurado.

Para uma cosmovisão cristã, o evangelho como a verdadeira narrativa do nosso mundo, incluindo todas as ações da vida humana como sagradas. Ora, se tudo o que fazemos, fazemos para a glória de Deus, logo, o trabalho, o lazer, as

¹²⁷ FRAME, 2023.

¹²⁸ ROOKMAAKER, H. R. *A Arte não Precisa de Justificativa*. Viçosa, MG: Ultimato, 2010, p. 2.

¹²⁹ SOARES, Stela Portes. Visão dividida: porque o pensamento dualista ainda é uma barreira ao avanço da igreja. 2021. Disponível em: <https://theinvisiblecollege.com.br/visao-dividida-porque-o-pensamento-dualista-ainda-e-uma-barreira-ao-avanco-da-igreja/>. Acesso em: 10 set. 2025.

compras, o ato de vestir-se e todas as mais diversas atividades são a vida cristã na prática. A falta de uma visão integral da vida hierarquizada, como se algumas esferas fossem mais importantes que outras. Essa ideia, além de estar em completo desacordo com as Escrituras, denuncia um entendimento incompleto dos efeitos da queda, que atingiu não somente algumas áreas da vida, mas toda a realidade. Realidade essa que no fim será restaurada em sua totalidade. O dualismo antropológico empobrece a experiência do cristão no mundo e sua relação com o próprio Deus.

Aquele que acredita de todo o coração que Jesus é o Filho de Deus se compromete com uma visão de Deus para o homem, o pecado, a redenção e o propósito de Deus na criação e na história, e com uma visão do destino humano encontrada unicamente no cristianismo¹³⁰. Para alguns, este assunto pode parecer amplo demais, no entanto, permite tratar do cristianismo em sua inteireza. Assim, nos leva em busca da visão de Deus para todas as coisas.

Diante disso, cabe ressaltar a reflexão de Bonino¹³¹, que sugere que o movimento pentecostal “se liberte das distorções e encontre uma linguagem teológica apropriada para expressar sua experiência religiosa, sua consciência de solidariedade e sua pertença popular”. Para o autor, a roupagem teológica do pentecostalismo é estreita para abrigar sua experiência. Somado a isso, segundo o teólogo pentecostal Fernando Albano¹³², “é salutar à teologia e práticas pentecostais a compreensão do humano como ser unitário que, traz como consequência uma maior sensibilidade para a dimensão material, social da vida humana”. Albano conclui seu pensamento afirmando que, conforme a perspectiva

¹³⁰ ORR, James. *A visão cristã de Deus e do mundo*. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2023.

¹³¹ BONINO, José Miguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 70.

¹³² ALBANO, 2010, p. 58.

bíblica, a integralidade pode ser apreciada e fundamentada teologicamente de modo coerente pela teologia pentecostal.

Não obstante, a escatologia assembleiana, de matriz pré-milenarista, pré-tribulacionista e dispensacionalista, orienta a visão de mundo dos fiéis. Tal perspectiva entende o mundo presente como um sistema corrompido e destinado à destruição, cuja restauração final depende exclusivamente da intervenção divina. Essa concepção sustenta uma teologia da fuga, em que o destino último da igreja é ser arrebatada da terra antes da grande tribulação, e não permanecer nela como agente de transformação e cuidado.

Nesse paradigma, a criação é percebida como transitória, e o seu destino final é compreendido em termos de juízo e aniquilação. O resultado prático é uma postura de desinteresse ético em relação à criação, pois os esforços humanos em preservar o planeta são considerados inúteis diante da iminência do fim dos tempos. Essa leitura escatológica reforça a ideia de que catástrofes naturais, guerras e crises ecológicas são sinais positivos — evidências do cumprimento das escrituras e da proximidade do retorno de Cristo.

Como observa Martins¹³³, a hermenêutica dispensacionalista operante nas Assembleias de Deus “desloca a expectativa cristã da responsabilidade histórica para a esperança escatológica”, tornando o presente apenas um cenário provisório em que a Igreja deve “esperar, e não reformar”. Assim, o sofrimento da criação, em vez de ser compreendido como consequência do pecado humano e chamado ao arrependimento coletivo, é lido como confirmação profética do cronograma divino dos últimos dias. Essa mentalidade leva muitos fiéis a menosprezarem o cuidado ambiental, entendendo-o como uma preocupação mundana, secular ou até mesmo anticristã. A crise ecológica, nesse contexto, é vista não como tragédia a

¹³³ MARTINS, Vinícius Couto. *Escatologia e missão: uma leitura teológica da esperança no contexto assembleiano*. Recife: AD Santos, 2023, p. 147.

ser enfrentada, mas como prenúncio glorioso da segunda vinda de Cristo. Como consequência, emerge uma ética de alienação espiritualizada, em que a salvação pessoal e o arrebatamento se tornam prioridades absolutas, enquanto a responsabilidade pelo mundo criado é relegada a um plano inferior. Entretanto, o apóstolo Paulo em Romanos 8.19-23, oferece uma visão distinta¹³⁴.

19 Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. 20 De fato, a criação foi submetida à vaidade — não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu — na esperança 21 de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. 22 Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. 23 E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo.

Nesse texto, Paulo reconhece que a criação sofre os efeitos da queda, mas também afirma que ela geme em esperança, aguardando sua libertação escatológica. O termo grego *mataiotēs*, traduzido como “futilidade”, remete à ideia de frustração e corrupção moral¹³⁵, indicando que a criação foi afetada pela desordem introduzida pelo pecado humano, mas não perdeu sua vocação original. Ou seja, o futuro da criação não é sua destruição, mas sua redenção. Essa expectativa escatológica não elimina a responsabilidade humana; ao contrário, convida os cristãos a participarem, desde já, do processo de restauração, cooperando com o Espírito que renova a face da terra.

¹³⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.1118.

¹³⁵ *Mataiotēs* (ματαιότης) é termo usado também em Eclesiastes 1.2 (na tradução grega da Septuaginta) para designar a “vaidade” ou a “inutilidade” das coisas sob o sol. Em Romanos 8.20, o termo aponta para a condição de desordem e frustração da criação, sujeita à corrupção por causa do pecado humano, mas que mantém uma esperança ativa de restauração (WRIGHT, Christopher J. H. A Ética do Antigo Testamento: o povo de Deus e a terra de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2014).

Somado a isso, Apocalipse 11.18 afirma que, no juízo final, Deus “destruirá os que destroem a terra”¹³⁶. O texto faz uso do verbo grego *diaphtheirō*, que significa “corromper, arruinar ou violar”¹³⁷. Isso revela que Deus se opõe ativamente àqueles que degradam a criação, mostrando que a responsabilidade ecológica está profundamente inserida na ética escatológica cristã. A destruição do planeta, portanto, não é um sinal de aprovação divina, mas um ato de rebeldia contra o Criador. Deus não apoia os agentes de destruição da criação que será renovada por completo. Para Moltmann, “quem espera o novo céu e a nova terra não pode ser cúmplice da destruição da terra atual”¹³⁸.

A Bíblia apresenta a criação como objeto da redenção divina, e não como mero cenário descartável. Ao esperar o arrebatamento secreto e conceber as catástrofes como boa notícia apenas, é possível perder a dimensão pneumatológica da esperança, que inclui a natureza na obra redentora de Deus. Consequentemente, transforma a esperança cristã em fuga do mundo, e não em compromisso com ele. A esperança pentecostal deve ser marcada pela ação do Espírito que renova, e não pela indiferença diante da destruição.

CONCLUSÃO

O presente artigo objetivou compreender os aspectos teológicos que influenciam a majoritária ausência do cuidado ambiental no exercício da fé pentecostal clássica, especialmente no contexto das questões ambientais associadas à indústria da moda. Assim, a análise realizada permitiu confirmar o

¹³⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015, p.1212.

¹³⁷ *Diaphtheirō* (διαφθείρω) significa literalmente “corromper ou causar destruição moral e física”. O uso em Apocalipse 11.18 indica que o juízo divino se volta contra os que destroem a integridade da criação, e não contra o cosmos em si. O texto, portanto, reafirma o valor sagrado da terra como parte da obra redentora de Deus (BEALE, G. K. *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999).

¹³⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 84.

alcance desse objetivo, uma vez que evidenciou que o credo assembleiano, com uma percepção escatológica de linha pré-tribulacionista, dispensacionalista e pré-milenarista, contribuem para uma teologia escapista, especulativa e fatalista, na qual a criação é percebida como transitória, e o seu destino final é compreendido em termos de juízo e aniquilação, resultando em uma postura de desinteresse ético em relação à criação. Essa leitura escatológica reforça a ideia de que catástrofes naturais, guerras e crises ecológicas são sinais positivos, evidências do cumprimento das escrituras e da proximidade do retorno de Cristo.

A análise demonstrou, ainda, que o caráter dualista antropológico do pentecostalismo clássico afeta a realidade com uma exagerada valorização do espiritual, que esquece o “aqui e agora”. O que explica a insuficiência em práticas que visam à transformação da realidade social e material. Não obstante, as imposições silenciosas pelos vestígios dos chamados usos e costumes, contribui para o fomento do mercado da moda evangélica. A supervalorização da prática religiosa do culto impulsiona o consumo de roupas evangélicas, pela criação da ocasião de uso e suas restrições estéticas. Isso afeta a realidade com uma exagerada valorização pela “roupa adequada” e a não repetição, frequentemente dissociada de reflexões sobre os impactos ambientais e as condições de produção das peças. Compreender que a estética modesta da moda evangélica não deve ser a única preocupação na produção e consumo, é garantir que o discurso de glorificar a Deus aconteça de forma integral.

Portanto, as questões aqui evidenciadas são pertinentes ao momento atual do desenvolvimento do pentecostalismo, que segundo Nascimento¹³⁹, nas últimas décadas, tem se caracterizado por avançar para uma reflexão mais ampla sobre sua posição no mundo e seu impacto na sociedade. Para Nascimento, a fase atual

¹³⁹ NASCIMENTO, Valmir. *Cosmovisão Pentecostal: Desenvolvendo uma visão de mundo moldada pelo Espírito*. 1 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2025. E-book. Disponível em: www.bibliotecaintuitiva.com.br. Acesso em: 10 nov. 2025.

denominada de “estágio da praça pública”, decorre da expansão do pentecostalismo no mundo e a presença dos crentes em vários setores da sociedade. Ao mesmo tempo, é o resultado da produção recente de diversos pensadores pentecostais. Assim, o pentecostalismo busca expandir seu entendimento além dos limites eclesiásticos, engajando-se de maneira significativa com questões sociais contemporâneas. A teologia pentecostal tem se lançado para a vida comum, promovendo uma visão de mundo que valoriza tanto a experiência espiritual quanto a ação social. Portanto, com às contribuições desta pesquisa, espera-se fomentar discussões acerca da mordomia ambiental no contexto da moda evangélica, e contribuir para o avanço na produção científica sobre o tema. Não sob um olhar restrito à estética, mas buscando questionar as motivações e seus padrões impostos.

No que tange às limitações e recomendações para futuras pesquisas, acredita-se que os resultados aqui apresentados possam ser enriquecidos com outras formas de análises, incluindo, por exemplo, ferramentas para análise quantitativa. Sugere-se, ainda, que futuras investigações possam explorar a limitação desse artigo, sendo o enfoque no pentecostalismo clássico, com ênfase na Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Por fim, agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), Edital 18/2024, que possibilitou a realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

ABIT. Associação Brasileira da Indústria Têxtil. *Perfil do setor*. 2025. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>. Acesso em: 5 de nov. 2025.

ABIT. Associação Brasileira da Indústria Têxtil. *Perfil do setor*. 2023. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>. Acesso em: 13 de nov. 2023.

ABREMA. Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente. *Na era da moda rápida e barata, 80% do descarte têxtil vira lixo*. 2025. Disponível em: <https://www.abrema.org.br/2025/01/20/na-era-da-moda-rapida-e-barata-80-do-descart-e-texil-vira-lixo/>. Acesso em: 5 de nov. 2025.

ALBANO, Fernando. *Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal*. 2010. 63 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est (Escola Superior de Teologia), São Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/149>. Acesso em: 25 out. 2025.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembleia de Deus – origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Bernardo do Campo, São Paulo: UMESP, 2000.

ALMEIDA, Joede Braga de. *O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembléias de Deus no Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

BEALE, G. K. *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999

BÍBLIA DE JERUSALÉM – São Paulo: Paulus, 2015.

BOF. *BoF Podcast | Modest fashion at a crossroads*. Disponível em: <https://www.businessoffashion.com/podcasts/global-markets/the-bof-podcast-modest-fashion-at-a-crossroads/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

ORR, James. *A visão cristã de Deus e do mundo*. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2023.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2006.

CARVALHAL, André. *Moda com propósito: manifesto pela grande virada*. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

COROBIM, Antonio Luiz. *Uma análise dos usos e costumes adotados pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB*. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Teologia) - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, 2008.

COVOLO, Robert. *Recursos reformados para pensar sobre moda*. In: KAEMINGGK, Mathew. *Teologia pública reformada: uma visão abrangente para a vida*. 1. ed. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2023.

DONALD, Dayton. *Raízes teológicas do Pentecostalismo*. Natal, RN: Carisma, 2018.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Assembleia de Deus no Brasil: uma igreja que cresce enquanto se fragmenta*. AZUSA: Revista de Estudos Pentecostais, [S. l.], v. 5, n. 2, 2024. Disponível em: <https://azusa.emnuvens.com.br/revista/article/view/81>. Acesso em: 3 abr. 2025.

FERNANDES, Sílvia. *Christianity in Brazil: An Introduction from a Global Perspective*. Reino Unido: Bloomsbury Publishing, 2021.

FRAME, John M. *Teologia em três dimensões: um guia para o triperspectivismo*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2023.

FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: 1994.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. *Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e contemporânea*. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2016.

JORGENSON, Kiara; PADGETT, Alan G. *Ecotheology: a Christian conversation*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2020.

LEWIS, Reina. Fashion, Shame and Pride: Constructing the Modest Fashion Industry in Three Faiths. In: Brunn, Stanley D. *The Changing World Religion Map*. Springer, Dordrecht: 2015. p. 2597-2609. DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-017-9376-6_136.

LOPES, Edson Pereira. *Fundamentos da Teologia Escatológica*. São Paulo, 2013.

MARINGOLI, Ângela. *Evangélicas na luta pela preservação do meio ambiente na América Latina e Brasil*. In: MESQUIATTI, David. *Experiência pentecostal na América Latina*. 1. ed. São Paulo: Editora Recriar, 2024. E-book. Disponível em: www.bibliotecaintuitiva.com.br. Acesso em: 4 de nov. 2025.

MARTINS, Aildo. *A história e teologia da escatologia oficial do pentecostalismo clássico. Estudos de Religião, [S. l.]*, v. 37, n. 1, p. 359–379, 2023.

Disponível

em:

<https://revistas.metodista.br/index.php/estudosreligiao/article/view/270>. Acesso em: 8 nov. 2025.

MARTINS, Vinícius Couto. *Escatologia e missão: uma leitura teológica da esperança no contexto assembleiano*. Recife: AD Santos, 2023.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

NASCIMENTO, Valmir. *Cosmovisão Pentecostal: Desenvolvendo uma visão de mundo moldada pelo Espírito*. 1 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2025. E-book. Disponível em: www.bibliotecaintuitiva.com.br. Acesso em: 10 nov. 2025.

ORR, James. *A visão cristã de Deus e do mundo*. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2023.

PEREIRA, Tiago. *A mordomia ambiental cristã é suficiente? Unus Mundus*, Belo Horizonte, n. 3, jan-jun, 2024. Disponível em: <https://unusmundus.academiaabc2.org.br/a-mordomia-ambiental-crista-e-suficiente/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

PENTECOST, J. Dwight. *Manual de Escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros*. São Paulo, 2006.

REIS, Roberto dos. A Assembleia de Deus no Brasil e a oficialização dos usos e costumes como preservação de sua identidade. *Revista de Iniciação Científica da FABAD*, v. 1 n. 01, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fabad.edu.br/index.php/RICF/article/view/18/22>. Acesso em: 3 abr. 2025.

ROOKMAAKER, H. R. *A Arte não Precisa de Justificativa*. Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

SANTIMIRE, H. Paul. *Celebrating nature by faith: studies in Reformation theology in an era of global emergency*. Eugene, OR: Cascade Books, 2020.

SCHAEFFER, Francis. *A morte da razão*. 2. ed. São Paulo, SP: ABU Editora; Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014.

SILVA, Mary Aparecida. *Métodos e técnicas de pesquisa*. 2. Ed. Curitiba: Ibpex, 2003.

SILVA, Rosemeire *et al.* *Moda evangélica: a prática religiosa na influência do comportamento do consumidor*. *Emprad: Encontro dos Programas de Pós-graduação Profissionais em Administração*. São Paulo/Sp, p. 1-15. nov. 2021. Disponível em: <https://sistema.emprad.org.br/7/anais/arquivos/96.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2025.

SILVA, Esequias Soares da. *Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SOARES, Stela Portes. *Visão dividida: porque o pensamento dualista ainda é uma barreira ao avanço da igreja*. 2021. Disponível em: <https://theinvisiblecollege.com.br/visao-dividida-porque-o-pensamento-dualista-ainda-e-uma-barreira-ao-avanco-da-igreja/>. Acesso em: 10 set. 2025.

VIANNA, Mauricio *et al.* *Design Thinking – Inovação em Negócios*. Rio de Janeiro: Editora MJV Press, 2012.

WARNERS, David P.; HEUN, Matthew Kuperus. *Beyond Stewardship: New Approaches to Creation Care*. Grand Rapids, MI: Calvin College Press, 2019.

WRIGHT, Christopher J. H. *A ética do Antigo Testamento: o povo de Deus vivendo como o povo de Deus*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2012.

WRIGHT, Christopher J. H. *A Ética do Antigo Testamento: o povo de Deus e a terra de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2014.